
O LEGADO DE MILTON SANTOS NA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

THE LEGACY OF MILTON SANTOS IN MY ACADEMIC PATH

EL LEGADO DE MILTON SANTOS EN MI TRAYECTORIA ACADÉMICA

Carlos José Espíndola¹

RESUMO: Milton Santos foi um dos maiores pensadores da geografia. O seu arcabouço teórico e metodológico foi capaz de direcionar a geografia brasileira e mundial, demonstrando o papel ativo do espaço geográfico. Ousado, criativo, inquisidor e independente refugava dogmas e preceitos estabelecidos. Ademais, sua formação humanista e terceiro-mundista sempre prezou por um compromisso ético com a universidade e a nação. Portanto, Milton Santos tornou-se mais que um geógrafo. Tornou-se um pensador do Brasil com luz própria e com um compromisso ético. Esse texto, objetiva apresentar a contribuição dos conceitos e categorias apresentados por M. Santos e que foram apropriados por mim. Em outras palavras, qual o legado deixado por M. Santos em minha trajetória acadêmica? A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica combinada com um resgate memorial. Além de sua vasta obra como referencial teórico metodológico, seu legado é marcado por princípios. Assim, sem ter angústia da influência, afirmo a importância do pensamento de M. Santos em minha trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Milton Santos. Geografia. Espaço. Referencial teórico-metodológico. Conceitos e categorias.

ABSTRACT: Milton Santos was one of the greatest thinkers in geography. In its theoretical and methodological framework I suppose to guide Brazilian and world geography, demonstrating the active role of geographic space. Bold, creative, curious and independent, he refutes established dogmas and precepts. In addition, its humanist and

¹ Professor Titular do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5857-6067>. E-mail: carlos.espindola@ufsc.br.

Agradecimentos ao CNPq pela bolsa produtividade.

Artigo recebido em agosto de 2021 e aceito para publicação em maio de 2022.

tercermundista formation has always praised the ethical commitment to the university and the nation. Thus, Milton Santos ended up being more than a geographer. He became a Brazilian thinker with his own light and ethical commitment. This text aims to present the contribution of the concepts and categories presented by M. Santos and who were appropriated by me. In other words, what legacy of Job M. Santos in my academic career? The methodology used was a bibliographic analysis combined with a commemorative review. In addition to his vast work as a theoretical and methodological reference, his legacy is marked by principles. Therefore, without fear of influence, I affirm the importance of the thought of M. Santos in my academic tradition.

Keywords: Milton Santos. Geography. Space. Theoretical-methodological framework. Concepts and categories.

RESUMEN: Milton Santos fue uno de los das más grandes pensadores de la geografía. En su marco teórico y metodológico, supo orientar la geografía brasileña y mundial, demostrando el papel activo del espacio geográfico. Audaz, creativo, curioso e independiente, refutó los dogmas y preceptos establecidos. Además, su formación humanista y tercermundista siempre ha enaltecido el compromiso ético con la universidad y la nación. Así, Milton Santos terminó siendo más que un geógrafo. Tornau es un pensador brasileño con luz propia y compromiso ético. Este texto tiene como objetivo presentar a la contribución dos conceptos y categorías presentados por M. Santos y que fueron apropiados por mí. En otras palabras, ¿qué legado dejó M. Santos en mi carrera académica? La metodología utilizada fue un análisis bibliográfico combinado con un rescate conmemorativo. Además de su vasta obra como referente teórico y metodológico, su legado está marcado por principios. Así, sin miedo a la influencia, afirmo la importancia del pensamiento de M. Santos en mi trayectoria académica.

Palavras clave: Milton Santos. Geografia, Espaço. Marco teórico-metodológico. Conceptos y categorías.

INTRODUÇÃO

Esse texto é fruto da fala realizada no evento “Milton Santos 20 anos depois: Desafios de uma herança intelectual”, e o “II Seminário Internacional de Geografia”, realizado entre 09 a 11 de novembro de 2021. Com a participação de Zeno Crocetti e Monica Arroyo, discutimos a temática “Milton Santos: Desafios de uma herança intelectual”. Neste evento apresentei em linhas gerais “M. Santos: Leituras de uma herança intelectual”

Não foi uma tarefa fácil, pois todas as trajetórias intelectuais estão pautadas por contextos sociais, políticos e geográficos muito complexos. Logo, o professor Milton não seria diferente. Conforme Pedrosa (2018, p. 429) “compreender a trajetória de Milton Santos (1926-2001) é uma tarefa árdua, pois, como todo grande pensador, seu projeto está pautado

em princípios que o acompanharam durante seu percurso por contextos sociais complexos”. Ademais, a tarefa torna-se mais complicada em função de não ser necessariamente um especialista em Milton Santos e de não fazer parte de sua “rede intelectual, que envolve pensadores de França, EUA e América Latina” (PEDROSA, 2018).

Este texto tem como objetivo apresentar a contribuição dos conceitos e categorias ofertados por M. Santos e apropriados em minha trajetória acadêmica e profissional. Não se trata aqui de apresentar todos os conceitos e categorias propostos pelo professor M. Santos², sobretudo, em função de sua vasta obra e suas teorizações originais “que alcançaram a geografia humana toda” (MAMIGONIAN 2001, p. 232)³. Também não se ocupa aqui de fazermos uma revisão das obras do professor Milton e muito menos contar a sua trajetória intelectual. Essas tarefas foram e vem sendo feitas com maestria por grandes professores e os próprios discípulos do professor M. Santos⁴.

Busca-se discutir aqueles conceitos e categorias que, do ponto de vista de um referencial teórico-metodológico, nortearam minhas pesquisas e meu entendimento sobre ciência geográfica. Em outras palavras, qual o legado deixado por M. Santos em meu trajeto acadêmico?

Em termos gerais, a trajetória intelectual deixou um farto referencial teórico e metodológico para a geografia. Sua postura inquisitiva, questionadora e seu espírito crítico foi uma das grandes marcas de sua carreira. Destaca-se em seu legado a forma criativa, independente e ousada na refutação de dogmas. Sem ter angústia da influência, reafirmo a importância do pensamento de M. Santos em minha formação acadêmica.

Do ponto de vista metodológico fez-se uma análise bibliográfica combinada com um esforço de resgate da memória. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1984, p. 9). Não se trata apenas de descrever fatos existentes e congelados no tempo, mas antes, de narrar, descrever e refletir sobre um processo em constante transformação. Fabíola Gaspar das Dores (1999) afirma que para Halbwachs o ato de lembrar não é apenas uma lembrança individual, mas de um refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado (BOSI, 1994, p. 55 *apud* Dores 1999, p. 117)⁵. A

busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiriço, porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas [...] o passado se reconstrói de maneira alinear com idas e voltas repentinas [...]. Naturalmente o que retorna não é o passado propriamente dito, mas suas imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente (AGUIAR, 1998, p. 25).

Neste sentido, “dá certo gosto deitar ao papel coisas que querem sair da cabeça, por via da memória ou de reflexão” (ASSIS, 1985, p. 43).

Este texto está dividido, além desta introdução e da conclusão, em mais duas partes. A primeira apresenta uma leitura sobre o legado do professor M. Santos e a segunda refere-se a apropriação e internalização de seus conceitos e categorias.

O LEGADO DE MILTON SANTOS: PONTOS DE UMA LEITURA

Tive o prazer de conhecer o professor Milton Santos, um maiores geógrafos e intelectuais do Brasil e do mundo, um grande mestre. O professor Armen Mamigonian (2001) afirma que Milton Santos, como fruto da geração dos geógrafos dos anos de 1950, se tornou o nome mais importante da geografia brasileira e mundial⁶.

Conheci o professor Milton Santos quando ainda fazia graduação na UFSC. Em uma de suas vindas a Florianópolis, fui juntamente com o professor Armen Mamigonian busca-lo no aeroporto. Nesse primeiro contato, conversamos sobre o livro “O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos”⁷. O professor Milton olha pra mim e pergunta: você está gostando? O que você acha dos dois circuitos? Não falei nada. Disse o óbvio: muito bom, mas ressalttei que estava tentando entender o que seriam os circuitos da economia urbana. Todavia, pouco aprofundei a conversa e tampouco me dediquei a estudar os dois circuitos da economia urbana.

Contudo, foi na Universidade de São Paulo (USP) que tive a oportunidade de conviver mais de perto com o professor. Além da disciplina cursada no programa de Pós-Graduação em Geografia daquela instituição, intitulada “Reorganização do Espaço Geográfico na fase Histórica atual”, participei ainda do Laboplan (Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental), onde foram realizados debates com professor Milton Santos, Armen Mamigonian, Maria Adélia de Souza, Rosa Esther Rossini, entre outros. Em muitas ocasiões trocamos ideias sobre seus livros e outros assuntos conjunturais. O professor sempre fazendo inquisições, questionando à todos. Por isso, minha síntese é muito parecida com a visão de Silvio Tandler

a minha surpresa foi conhecer um dos homens mais brilhantes da minha vida. Tudo o que ele fazia era com um sorriso muito irônico, sarcástico. Era uma pessoa ao mesmo tempo muito dura e muito doce, capaz de falar as coisas mais duras do mundo com um sorriso nos lábios (TENDLER, 2019 *apud* PAIXÃO, 2019, p. 04).

Isso foi perceptível quando o professor foi muito crítico em relação ao meu projeto de qualificação de mestrado e, posteriormente foi extremamente coerente e doce quando da defesa de minha dissertação. Ademais me surpreendeu o seu lado humanístico, generoso e solidário. Como entrei na Pós-Graduação da USP sem bolsa para apoio financeiro, Milton me chamou em sua sala, que dividida com Armen e Magda Lombardo, dizendo: “Procura a Fumiko e diz que você vai receber uma bolsa da minha cota”. Faltaram palavras para agradecer por essa consideração.

Portanto, o primeiro grande legado do professor Milton Santos para minha trajetória foi sua forma inquisitiva, questionadora, seu espírito crítico e o seu lado altruísta.

O segundo grande legado do professor Milton Santos refere-se ao fato de que o conjunto de suas obras se constituíram, desde o início, não apenas um referencial teórico-metodológico para a geografia, mas, sim, um instrumento, uma orientação, uma arma para

pensar o mundo, o Brasil e a geografia de forma combativa. Para Maria Adélia (2019 *apud* PAIXÃO, 2019), “Milton se tornou mais do que um geógrafo, ele se tornou um pensador do Brasil. A obra dele fundamenta uma perspectiva libertária para a humanidade. Por isso que Milton Santos foi genial”.

O professor Armen Mamigonian (2004) salientou que quando do falecimento de Milton, em junho de 2001, Aziz Ab Saber disse que o professor “havia sido um filósofo da geografia, tendo reunido o conhecimento do mundo do seu tempo para pensar as necessidades do Brasil, como intelectual comprometido com a sociedade e com os excluídos”. Para Fabio Contel (2014, p. 409), “além de geógrafo Milton foi um intelectual público, na acepção que Sartre dá à palavra, isto é, um ‘guardião dos fins fundamentais (emancipação, universalização e, portanto, humanização do Homem)’”⁸. Ainda segundo o autor, Milton “lutou por esses ‘fins fundamentais’ a seu modo, num incansável combate por meio da *praxis intelectual*, a partir de suas ideias libertárias” (CONTEL, 2014, p. 409).

Milton Santos pensava o Brasil com otimismo e via a geografia como uma ferramenta transformadora da sociedade em benefício da maioria da população. Isto ficou muito claro no manifesto intitulado “O papel ativo da geografia”, divulgado no XII ENG realizado em Florianópolis, em 2000.

Segundo o manuscrito, “o papel atribuído à geografia e a possibilidade de uma intervenção válida dos geógrafos no processo de transformação da sociedade são interdependentes e decorrem da maneira como conceituarmos a disciplina e seu objeto” (SANTOS *et al*, 2000 p. 01). Nas palavras de Milton Santos, a intenção do manifesto é provocar uma discussão “que se prolongue no tempo, alcance todas escolas e instituições de pesquisas e influencie nas reformulações dos currículos, alguns dos quais estão sabiamente inadequadas (RIBEIRO, 2002 *apud* PEREIRA; VIEIRA 2008, p. 67) ⁹.

O terceiro grande legado diz respeito ao fato que no conjunto de suas obras foram sendo criados conceitos e categorias muitos dos quais oriundos de outras ciências e internalizados na geografia de forma rica como, por exemplo, os conceitos de divisão social do trabalho, técnica, período técnico-científico, entre outros e a categoria de formação econômica e social,

O professor Milton Santos soube usar de forma inteligente o ecletismo teórico e não se deixou levar pelas teorias da moda ou por aquelas que formavam verdadeiras colchas de retalhos. No livro “Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia à uma geografia crítica” (2002), o professor Milton Santos destacou que a apropriação de conceitos, teorias, categorias de outras ciências pode se dar por vários caminhos. Mas dois são mais extremos e um outro mais curioso. O primeiro pode ser a imitação sem a preocupação de se indagar se são adequadas ou não. É possível ainda apropriar-se relacionando-se sempre com o aqui e agora, buscando a elaboração de lições válidas e gerais. Esse é o caminho correto, mas se impõem que partamos da realidade das coisas reais e não das ideias feitas. Mas pode ainda haver outra forma, aquela que pega um pouco aqui um pouco acolá sem uma lógica de conjunto, nem de compatibilidade de conceitos. Neste último campo estão um vasto número de geógrafos que mudam de posição com a moda, verdadeiros cata-ventos.

As categorias, conceitos e teorias eram articuladas de forma brilhante com o empírico, pois notava que a realidade aparece a cada dia sob um novo aspecto. “Ora, desde que a realidade muda, a ideia, o ‘teórico’, devem mudar. O teórico deve seguir a evolução para não se ver diante de um impasse” (SANTOS, 1978, p. 23). É pois, neste sentido, que o professor Milton fazia um exame constante da construção e do conteúdo dos conceitos.

M. Santos foi um crítico do imperialismo e da globalização, reconhecendo essa última como etapa suprema do imperialismo conforme afirmou Armen Mamigonian.

é no debate sobre globalização que se percebe a radical diferença entre uma geografia combativa produzida na periferia e outra colonizada produzida no centro do sistema e para servir aos seus interesses. Em Milton há um combate radical ao imperialismo, sendo a globalização a sua etapa suprema, tão diferente da visão açucarada de d. Harvey (condição pós-moderna), que nega a existência das relações centro-periferia. Milton teve a coragem de apontar a china e a Índia como países inseridos de forma ativa e não passiva na chamada globalização (MAMIGONIAN, 2004, p. 191).

Em “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” de 1996, a globalização é definida como ápice da mundialização capitalista pautada na difusão da ciência, técnica e informação. Em seu livro “Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal”, do ano de 2008, o professor Milton Santos dividiu o mundo em “globalização como fábula”, “globalização como perversidade” e “globalização como possibilidade”, explorando a ideia de uma outra globalização. Desta forma, Milton Santos considerava que

essa globalização não vai durar. Primeiro, ela não é a única possível e em segundo, não vai durar como está porque como está é monstruosa, perversa. Não vai durar porque não tem finalidade. Nas palavras de Santos “é possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização (SANTOS, 2002, p. 80).

Além disso, Denise Elias (2003) afirma que M. Santos

disserta sobre os pilares da globalização, suas consequências territoriais e sociais e desenha um futuro cheio de esperança, conclamando todos para a busca de uma outra globalização, na qual não haja lugar para o globalitarismo [...]. Na sua ideia de futuro, traço marcante de sua personalidade, acreditava na construção do período demográfico popular, quando a luta cotidiana do povo abrirá novos caminhos, auxiliada pela empirização da totalidade (ELIAS, 2003, p. 146)

Por fim, e não menos importante, destacaria como legado do professor Milton Santos sua inteligência de forma polemizadora, independente, criativa, refutadora de dogmas e ousada. Para Milton, era preciso questionar os consensos já estabelecidos. Questionar,

aliás, era a sua principal característica. Em entrevista concedida a Mayara Paixão (2019) Nina Santos, afirma que o seu legado “não é restrito a um conceito ou a uma questão social, ele é extremamente amplo. Acho que a principal herança de Milton Santos é justamente ressaltar a importância do questionar, do pensar diferente, de defender o seu ponto de vista mesmo que contra uma maioria que questiona a sua posição (SANTOS, 2019, p. 02 *apud* PAIXÃO 2019).

Seus questionamentos foram além da geografia, pois atingiu a ciência, a universidade e o papel da intelectualidade brasileira. O professor Milton foi um pensador com luz própria e com um compromisso ético. Milton Santos é um pensador que faz falta pelo rigor intelectual, pelo compromisso e pela necessidade de pensar o Brasil, o mundo e a geografia.

APROPRIAÇÃO DE CATEGORIAS E CONCEITOS: INTERNALIZADAS NA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Comecei a ter acesso as obras de Milton Santos quando fazia graduação, a partir das cópias de textos ofertados pelos alunos de fases mais adiantadas, estudantes do programa de Pós-Graduação em Geografia e alguns professores. Neste processo tive acesso a partes do livro “Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica (1978). Inicialmente na revisão crítica da evolução da Geografia e na sua proposta de busca pela interdisciplinaridade e construção de uma Geografia Crítica¹⁰.

Estes materiais impressos acabaram trazendo uma série de conceitos e uma grande categoria de análise que só tornaram-se mais esclarecedores quando da leitura de outras obras como “Espaço e Sociedade” (1979); “Espaço e Método” (1985) “Metamorfoses do Espaço Habitado (1988); Técnica, Espaço e Tempo (1994), “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (2009 [1996]) e Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional (2008).

O primeiro conceito apropriado foi o de espaço geográfico enquanto instância social. Em “Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica” o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada/subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. (SANTOS, 1978, p. 145). O espaço geográfico é uma instância social, tanto quanto a economia, a cultura e a política (SOUZA, 2019, p. 07). Percebe-se então a preocupação de Milton Santos de estabelecer o espaço não apenas como um suporte, mas como uma estrutura de determinações sociais condicionantes e condicionadas pelas demais estruturas.

Ainda, segundo M. Santos, o espaço geográfico

deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado

e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja a aceleração é desigual (SANTOS, 1978, p.122)¹¹.

Outro conceito apropriado em minhas pesquisas foi o de forma, função, processo estrutura, desenvolvido por Milton Santos a partir da obra de J. Tricart (MAMIGONIAN, 2004). No livro Espaço e Método (1986), M. Santos afirma que a

Forma é o aspecto visível de uma coisa. [...]. Função [...] sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma [...]. Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo [...]. Processo pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (SANTOS, 1985, p.50).

Partido do pressuposto que próprio espaço geográfico pode ser chamado de meio técnico-científico (SANTOS, 1985) adotou-se esse conceito como terceiro aporte. Na verdade, trata-se de desvendar o papel da técnica na história da humanidade sem reduzir a análise ao determinismo tecnológico. Mas ter compreensão de que “a técnica constitui um elemento de explicação da sociedade, e de cada um dos seus lugares geográficos” (SANTOS, 1996, p. 31). Neste sentido, “a base técnica da sociedade e do espaço constitui, hoje, um dado fundamental da explicação histórica, já que a técnica invadiu todos os aspectos da vida humana, em todos os lugares” (SANTOS, 2004, p. 67). Ainda segundo o autor

o estudo das técnicas ultrapassa, desse modo, largamente, o dado puramente técnico e exige uma incursão bem mais profunda na área das próprias relações sociais. São estas, finalmente, que explicam como, em diferentes lugares, técnicas, ou conjuntos de técnicas semelhantes, atribuem resultados diferentes aos seus portadores, segundo combinações que extrapolam o processo direto da produção e permitem pensar num verdadeiro processo político da produção (SANTOS, 2004, p. 31).

Para Santos (1991) estamos vivenciando o período técnico científico informacional¹². E depois,

O conteúdo técnico científico do espaço permite, em áreas cada vez mais extensas, a produção de um mesmo produto em quantidades maiores e em tempo menor, rompendo os equilíbrios persistentes e impondo outros, do ponto de vista da quantidade e da qualidade da população, dos capitais empregados, das formas de organização, das relações sociais, etc. (SANTOS, 2009, p. 127).

Seguindo a proposta do professor Milton,

as técnicas agrícolas, industriais, comerciais, culturais, políticas, etc.; aparentes ou não em uma paisagem, são, um dos dados explicativos do espaço. Tais técnicas não têm a mesma idade e desse modo se pode falar do anacronismo de algumas e do modernismo de outras, como, naturalmente, de situações intermediárias. Essas técnicas se efetivam em relações concretas, relações materiais ou não, que as presidem, o que nos conduz sem dificuldade à noção de modo de produção e de relações de produção (SANTOS, 2004, p. 30).

Em termos gerais é que

o espaço seja chamado a ter cada vez mais um conteúdo em ciência e técnica traz consigo um grande acervo de conseqüência, a primeira das quais, certamente, é uma nova concepção orgânica do espaço, pela incorporação mais ampla de capital constante na instrumentalização do espaço (instrumentos de produção, sementes selecionadas, fertilizantes, pesticidas, etc.) ao mesmo tempo em que se dão novas exigências quanto ao capital variável indispensável (SANTOS, 1991, p. 88).

Esses conceitos foram sendo articulados com a categoria de formação socio-espacial. Para Mamigonian (1996), o texto teórico mais importante de M. Santos é “Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método”. Esse texto “constitui o marco fundamental da renovação da geografia humana atual” (1996, p. 198). Entretanto, como destacaram Carlos Espíndola e Marcos A. da Silva (1997, p. 62), “no campo das pesquisas em geografia que se apoiam nessa categoria, é lamentável constatar que boa parte de trabalhos fomenta uma espaciologia estéril”.

A categoria de formação sócio-espacial decorre da ideia de formação econômico-social elaborada, por Marx e Engels e sistematizada por Lênin, para compreender o conjunto da história e o desenvolvimento de uma dada sociedade. Lênin retoma a noção para analisar uma sociedade concreta e atacar o objetivismo (caráter apolítico das ciências), o subjetivismo (que colocava os problemas das ciências em função da consciência), isto é, o marxismo legal e o economicismo, pois a sociedade Russa, objeto de análise de Lênin, desenvolvia em seu seio o capitalismo, o campesinato, a pequena burguesia e a nobreza feudal (LEFEBVRE, 1969 apud ESPINDOLA, 2002).

Didaticamente, a formação social é uma realidade concreta, que se transforma, evolui e muda historicamente. O econômico é composto pelas forças produtivas, isto é, pelas relações entre o homem e a natureza. O social articula as relações entre os homens, as relações de produção, as classes e as forças sociais. Em seu conjunto, essa categoria “se coloca inequivocadamente no plano da história, que é o da totalidade e da unidade de todas as esferas (estruturais, supra-estruturais e outras), da vida social na continuidade e ao mesmo tempo na descontinuidade do seu desenvolvimento histórico” (SERENI, 1976: 71).

Santos (1982) afirma que a formação econômica e social é indissociável da realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. Segundo Armen Mamigonian, M. Santos percebeu que formação social e geografia humana não coincidem completamente, mais pela falta da localização usada nos estudos de formação social, daí ter proposto a categoria formação sócio-espacial. Assim, a noção de FES adquire o status de formações históricas e geograficamente localizadas, isto é, formações sócio-espaciais¹³. A formação socioespacial refere-se a realidades em que

os modos de produção se tornam concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares. [...]. As relações entre espaço e formação social são de outra ordem, pois elas se fazem num espaço particular e não num espaço geral, tal como para os modos de produção. Os modos de produção escrevem a história no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço. Tomada individualmente, cada forma geográfica é representativa de um modo de produção ou de um de seus momentos. A história dos modos de produção é também, e sob este aspecto preciso, a história da sucessão das formas criadas a seu serviço. A história da formação social é aquela da superposição de formas criadas pela sucessão de modos de produção, da sua complexificação sobre seu ‘território espacial’” (SANTOS, 1982, p. 31).

Para Milton Santos (1982) uma formação sócio-espacial está diretamente vinculada a “um Estado-Nação”. A “região” não é mais do que uma subunidade, um subsistema do sistema nacional. A “região” não tem existência autônoma, ela não mais que uma abstração. Contudo, segundo Silva (2005, p. 32) e partindo de Sereni, não há como desviar de um critério de diferenciação espacial das formações que não seja a particularidade histórico-genética de constituição das relações sociais dominantes em um ambiente social e geográfico dado¹⁴. Ademais, “a análise geográfica dos fenômenos requer a consideração da escala em que eles são percebidos” (CASTRO, 1992, p. 21). É, pois neste sentido, que a categoria de formação socio-espacial pode ser utilizada na escala regional, pois ela permite “compreender as relações de produção e forças produtivas, em suas desiguais celeridades no processo de acumulação capitalista” (BASTOS, CASARIL, 2016, p.282).

Além da escala da formação socio-espacial ser o Estado-Nação, Milton Santos explicita que o maior impulso às formações socio-espaciais provém das forças externas. No dizer de M. Santos “Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais freqüentemente lhes provém o impulso (SANTOS, 1982, p. 01). Segundo Silva (2009, p. 03) essa interpretação “peca por exagerar a importância das relações externas na análise das regiões, tornando suas dinâmicas histórico-sociais particulares menos influentes e/ou subordinadas às pressões exógenas”. Ademais, a história específica de cada formação sócio-espacial determina o grau de relevância dos fatores internos e externos. As intervenções externas existem, mas precisam ser relativizadas.

Em termos gerais, os conceitos de espaço geográfico, forma, função, processo e estrutura, período técnico científico e a categoria de formações sócio-espaciais, indicados por M. Santos, são articulados em minhas pesquisas com outros referenciais teóricos metodológicos. Dentre eles pode-se citar: 1) a ideia de paradigmas técnico-econômico e reestruturações técnico-produtivas (C. Perez e C. Freeman), Sistema Nacional de Inovação (Chris Freeman e Nathan Rosenberg), ciclos longos da economia mundial (N. Kondratieff e Schumpeter), destruição criativa e difusão tecnológica a partir de Schumpeter e os neoschumpeterianos; 2) as propostas de inovações organizacionais e institucionais (A. Chandler, D. North); 3) as proposições de dualidade básica da economia brasileira, capacidade ociosa e pontos de estrangulamentos, ciclos médios e mais, recentemente a ideia de economia do projeto (Ignácio Rangel); 4) a teoria do imperialismo de Lênin e o papel da pequena produção mercantil na gênese do capitalismo nas diferentes formações sócio-espaciais (Lênin, Mamigonian).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrou-se que, fruto da geração dos anos de 1950, Milton Santos foi um dos maiores geógrafos e intelectuais do Brasil e do mundo. Por privilégio, tive o prazer de conhecê-lo. Seu legado, além da extensa obra que serviu de referencial teórico e metodológico para minhas pesquisas, refere-se ao seu caráter humanista, generoso e solidário. Sua postura inquisitiva, questionadora e seu espírito crítico foi uma das grandes marcas de sua trajetória. Destacou-se, ainda, que o professor Milton Santos soube usar de forma inteligente o ecletismo teórico e não se deixou levar pelas teorias da moda ou na forma uma colcha de retalhos. Foi um pensador independente, criativo, refutador de dogmas e ousado. Para Milton, era preciso questionar os consensos já estabelecidos. Indagar, aliás, era a sua principal característica.

Afirmou-se que M. Santos foi um crítico do imperialismo e da globalização reconhecendo essa como uma etapa suprema do imperialismo, definida, portanto, como ápice da mundialização capitalista pautada na difusão da ciência, técnica e informação. Ressaltou-se que, na visão de M. Santos, era possível uma outra globalização. É, pois, neste sentido que Milton pensava o mundo, o Brasil e a humanidade com otimismo, atribuindo a ciência geográfica um papel fundamental na transformação da sociedade.

Advogou-se que os conceitos de espaço geográfico, forma, função, processo e estrutura, período técnico científico e a categoria de formações sócio-espaciais, indicados por M. Santos, foram apropriados como referencial teórico e metodológico em minhas pesquisas e na minha trajetória acadêmica. Contudo, afirmou-se também que os conceitos e categorias foram articulados com outros referenciais teóricos metodológicos.

Em termos gerais, deve-se levar em conta que os desafios teóricos e metodológicos que se impõem para desvendar a sociedade em suas diferentes escalas temporais e espaciais requerem um rigor conceitual presente na trajetória intelectual do professor Milton. Por fim, sem ter angústia da influência, reitero a importância do pensamento de M. Santos em minha trajetória acadêmica.

NOTAS

2 Cabe explicitar que existe uma diferença entre conceito e categoria. Enquanto, a categoria define os modos de ser, o conceito define a ideia ou conjunto de ideias a respeito de alguma coisa ou fenômeno. O conceito é uma representação do objeto pelo pensamento, por suas características gerais (SILVA, 1986, p.28). Bachelard (2004) afirma que o conceito é um elemento de construção e só tem sentido na própria construção, não podendo ele ser nem estar isolado. Trein (2016, p. 35), ao se referir a dialética de Hegel, afirma que “o conceito como forma abstrata de apreensão do objeto, se modifica junto como o próprio objeto”.

3 O professor Milton Santos é autor de uma extensa obra que vão desde os escritos no jornal *A Tarde* (reunidos no livro, “Milton Santos: Correspondente Do Jornal A Tarde 1950, 1960) até “O Brasil: território e sociedade no início do século XXI” escrito conjuntamente com Maria Laura. Elias (2003) afirma que esta última obra de M. Santos é um “esforço para a compreensão do território brasileiro [...] e que é praticamente um ‘guia de trabalho’, como está posto na sua introdução, uma continuação de sua interpretação geográfica do Brasil, um esforço de análise e de síntese do país” (ELIAS, 2003, p.144). Para Mônica Machado (2011) os escritos do professor Milton Santos podem ser divididos em grandes períodos. O primeiro deles (1948-1960) é o Milton Santos regionalista, baiano, político e jornalista. O segundo período de 1965-1987, é o Milton metropolitano, cosmopolita e próximo dos comunistas e, por fim o terceiro momento, 1988-2001, denominado de São Paulo, a Geografia como filosofia da técnica e o Brasil na Globalização: um Milton Santos cidadão do mundo.

4 Pedrosa (2018, p. 429) ao elucidar a articulação da gênese rede intelectual de M. Santos e as circunstâncias de seu exílio, afirma que o grande impacto da obra do professor M. Santos e a plêiade de discípulos e interlocutores geraram um esforço para contar sua trajetória intelectual, que podem ser classificados como memorialista e os internalistas.

5 A lembrança, é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual e que, às vezes, é estilizada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado (BOSI, 1994, p. 55). Dores (1999) afirma que relembrar não é recuperar o passado na sua inteireza, na sua pureza totalidade, como pensava Bergson. Mas refazer a partir de ideias e valores de hoje, parte desse passado, pois a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado ou registrado. Fica o que significa, o que representa (POLLAK, 1992, p.203 apud DORES, 1999). Ao se referir a Pollak, Dores (1999, p. 118) afirma que “ao reconstruirmos o passado, o fazemos a partir da imagem que se têm de si, para si e para os outros, pois, quando recordamos, elaboramos uma representação de nós mesmos e para aqueles que nos rodeiam. Fato que requer um sentido de coerência, de unicidade e de continuidade de uma pessoa ou de um grupo social, na reconstrução de si”.

6 Segundo Mamigonian (2001 p. 228) “é interessante repetir que a geração dos anos 50 na geografia é fruto do enorme movimento de implantação e desenvolvimento da geografia nas primeiras Faculdades de Filosofia, da instalação e desenvolvimento do IBGE e da integração e pesquisa coordenada pela AGB”, nos anos de 1930. Essa geração

era composta por geógrafos de altíssimo nível intelectual, como Aziz Ab'Saber, N. Lecoq Muller, P. Petrone entre Orlando. Valverde, A. Teixeira Guerra, Lysia Bernardes, C.A. Figueiredo Monteiro entre M. Correia de Andrade, M. Santos, V.A. Peluso Jr., J.J. Bigarella, entre outros (MAMIGONIAN, 2001).

7 Nos países subdesenvolvidos, as diferenças de renda, salários, consumo, acesso a bens e serviços entre as classes sociais “são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços” (SANTOS, 1979, p. 29). Enquanto o circuito inferior seria constituído “por formas de fabricação não-‘capital intensivo’, pelos serviços não-modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão” (SANTOS, 1979, p. 31), o circuito superior seria “constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores” (SANTOS, 1979, p. 31).

8 Cabe destacar que o pensador francês Jean-Paul Sartre teve uma grande influência no pensamento de Milton Santos. Para Mamigonian (2011, p. 68), M. Santos “manteve-se coerente em dois pontos essenciais: 1) foi sartreano a vida toda, mesmo antes ter lido Sartre, na medida que assumiu um ‘projeto de vida’ [...] 2) foi terceiro-mundista também a vida toda [...]”. Segundo Dantas (2014, p. 56), “a influência de Sartre sobre a obra de Milton Santos é inequívoca. A importância das materialidades, o papel das rugosidades, o espaço como instância social, as temporalidades, as totalidades e as totalizações, horizontalidade e verticalidade, o cotidiano, evento, co-presença, vizinhança, dentre outras, são questões, noções e conceitos, imbricados, trazidos por Milton Santos e que carregam uma forte marca de Sartre”.

9 Contudo, segundo as autoras, apesar do manifesto ser uma alerta para as fragmentações e a insistência em definir como objeto da geografia o território usado e seus múltiplos elementos “em nenhum momento refere-se explicitamente à natureza” [...] levando a pensar o manifesto como exclusivamente humano-social, descartador dos processos físicos naturais” (PEREIRA, VIEIRA, 2008, p.75-76).

10 Elias (2003, p. 136) afirma que em “Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia uma Geografia Crítica” (1978) Milton Santos mergulha na epistemologia da Geografia e na dialética, marcando um tempo de mudança na Geografia, um período de renovação, de busca de novos paradigmas, traduzido no próprio subtítulo do livro ‘Da Crítica da Geografia à Geografia Crítica’. A partir de então, ganha força a idéia da Geografia com bases interdisciplinares, a crença numa “geografia refundada, instrumento teórico e prático para a transformação do mundo”.

11 Em “Espaço e Método”, “o espaço é considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade” (SANTOS, 1985, p.22). Em “Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional” (1994, p. 53) define o espaço geográfico como um espaço banal. Isto é, espaço de todos os homens, de todas as firmas, de todas as organizações, de todas as ações – numa palavra, o espaço geográfico.” (SANTOS, 1994, p. 53). Souza (2019, p. 07) afirma que “como instância, logo abstrato, o espaço

geográfico, espaço banal, isto é espaço de todas as pessoas, instituições e organizações, espaço de vida do ser humano na superfície do planeta Terra”. Já no livro “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (2009 [1996]) Milton Santos define o espaço geográfico “como um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de um sistema de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2009 [1996], p. 61). Para Mamigonian (2004 p. 190) “a Natureza do espaço não é uma simples continuação de Por uma geografia nova, não só por incorporar a ideia de revolução científica e tecnológica da sociologia soviética [...] como também por afastar os conceitos de forças produtivas e relações de produção. É como se Milton tivesse preferido a ideia de território à ideia de formação social, visando “resolver a falta de estudos teóricos sobre o espaço”. A ideia de território vem ganhando importância na geografia, a partir do texto “O retorno do território” (SANTOS, 1996b). Neste texto o autor afirma que “Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida” (SANTOS, 1996, p. 255). “O uso do território pode ser definido pela implantação de infraestruturas, para as quais estamos utilizando a denominação sistemas de engenharia, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluído a legislação civil, fiscal e financeira, que juntamente como o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 21). Para Souza (2019, p. 07) o espaço como uma instância “é um conceito abstrato constituinte central do Método geográfico e seu objeto e, este – o território usado – sua historicização específica, em função das dinâmicas das formações socioespaciais, ou seja, as particularidades que o modo de produção vigente – o capitalista – assume diante dos processos particulares, resultantes das relações sociais de cada formação territorial pela dinâmica da divisão internacional do trabalho”.

12 O meio técnico-científico-informacional é período que começa após a “segunda guerra mundial, e sua efetivação vai ocorrer nos anos 70. É a fase denominada de período técnico-científico, “e que se distingue dos anteriores pelo fato da profunda interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certos autores preferem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas” (SANTOS, 2004, p.65). Conforme Roberto Santana dos Santos (2018, p.05), “a Revolução Científico-Técnica (RCT) é uma revolução produtiva em escala mundial, caracterizada pela ciência como força produtiva em si, tornando-se o elemento principal da produção material. Essa revolução subordina a técnica à ciência, e permite à última dirigir o processo produtivo. A Revolução Científico-Técnica não é uma continuação, aprimoramento, ou nova fase da Revolução Industrial, mas, na verdade, sua superação dialética, uma nova revolução produtiva que vem superar as contradições de sua antecessora”.

13 Mesmo reconhecendo as alterações das normas da língua portuguesa (formação socioespacial), optou-se pela manutenção da terminologia miltoniana de formação socioespacial.

14 Silva (2009, p. 04) ainda destaca que “A relevância de um trabalho como o de Sereni (1976), aliás assinalada mesmo por Milton Santos (1977), torna patente que o critério de diferenciação regional não pode estar tão-somente na presença de relações capitalistas em si mesmas. O que se propõe é que o critério deve estar antes na particularidade histórica de constituição dessas relações em um dado ambiente geográfico e social”

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Joaquim A. de. **Espaços da Memória: Um Estudo sobre Pedro Nava**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Fapesp, 1998.
- ASSIS, Joaquim, M. M. **Memorial de Aires**. Ministério da Cultura. Fundação biblioteca nacional. Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000025.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021
- BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BASTOS, J. M. CASARIL, C. C. **A formação sócio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica**. Geosul, Florianópolis, v. 31, n. 62, p 271-298, jul./ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/issue/view/2452>. Acesso em: 05 out.2021.
- CASTRO, I. E. de. Análise geográfica e o problema epistemológico da escala. **Anuário do Instituto de Geociências**; v. 15, 1992. Disponível em: www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/1505. Acesso em 15 out. 2021.
- CONTEL, F.B. **Milton Santos in interpretes do Brasil: clássico, rebeldes e renegados**. Org. Luis B. Ericás, Lincoln Ferreira Secco São Paulo, Boitempo, 2014.
- DANTAS, A. Geografia e epistemologia do sul na obra de Milton Santos. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49-61, set./dez. 2014. Disponível em: [cielo.br/j/mercator/a/HvTh6cbKcYr83RpVXBjgGLv/?format=pdf&lang=pt#:~:text=É%20bom%20deixar%20claro%20quedesenvolvido\)%20que%20deveria%20servir%20de](http://cielo.br/j/mercator/a/HvTh6cbKcYr83RpVXBjgGLv/?format=pdf&lang=pt#:~:text=É%20bom%20deixar%20claro%20quedesenvolvido)%20que%20deveria%20servir%20de). Acesso em 15 out. 2021.
- DORES, Fabíola G. das. A memória como método de pesquisa. **Caderno de Campo**. N 4, 1999. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10143>. Acesso em 14 out. 2021.
- ELIAS, D. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. **Geosul**, Florianópolis, v.18, n.35, p. 131-148, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- ESPÍNDOLA, Carlos J. **As agroindústrias de carne do Sul do Brasil**. Tese de Doutorado em Geografia. FFLCH/USP, São Paulo 2002.
- MAMIGONIAN, A. Milton Santos e a geração dos geógrafos dos anos 50. **Revista Ciência Geográfica**. v. 2, n. 19, ano 7. Bauru: AGB, mai-ago. 2001.
- MACHADO, Mônica, S. A produção intelectual de Milton Santos vista através de sua trajetória espacial: uma interpretação. **GEOgraphia (UFF)**, v. 13, p. 18-41, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13614/8814>. Acesso

em: 10 out.2021

MAMIGONIAN, A. Milton Santos: a formação de um pensador universitário crítico. In: Brandão, Maria A. (Org.). **Milton Santos e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.

MAMIGONIAN A. A geografia e a “formação social como teoria e como método”, in M. Adélia de Souza (org.). **O Mundo do Cidadão**. Um Cidadão do Mundo, Hucitec, 1996.

MAMIGONIAN, A. Milton Santos: sartreano e terceiro mundista. In: **10 anos sem Milton Santos** (Maria A. da Silva Org) Salvador: Alba 2001.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. I La République, Paris, Gallimard, 1984.

PAIXÃO, Mayara. **O legado de Milton Santos: um novo mundo possível surgirá das periferias**. São Paulo: Brasil de fato 03/05/2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/03/o-legado-de-milton-santos-um-novo-mundo-possivel-surgira-das-periferias>. Acesso em : 20 fev.2022

PEDROSA, Breno V. O périplo do exílio de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n.2, abr.-jun. 2018, p.429-448. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/yN9FsnR6gSr9nLz7xWGCcGw/?lang=pthttps://www.scielo.br/j/hcsm/a/yN9FsnR6gSr9nLz7xWGCcGw/?lang=pt>. Acesso em 11 out. 2021.

PEREIRA, Raquel, F. A, VIEIRA, Maria Graciana E. D. Reflexões sobre o papel ativo da geografia: um manifesto in **Milton Santos: Globalização, território política e geografia em debate**. Raquel F. A. Pereira e José R. Provesis (org) Itajai: univali 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M. **O trabalho do Geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1996. p. 15- 2.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994, 190 p.

SANTOS, M. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002, 221

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997 (Coleção Espaços).

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 16. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2009 [1996], 384p.

SANTOS, M. A revolução tecnológica e o território: realidades e perspectivas. **Caderno Prudentino de Geografia**, nº13. Associação dos Geógrafos Brasileiros, Presidente Prudente/SP, 1991

SANTOS, M. et al. **O papel ativo da geografia**: um manifesto. São Paulo: Laboplan/USP, 2000. Disponível em: http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/O-papel-ativo-da-geografia-um-manifesto_MiltonSantos-outros_julho2000.pdf. Acesso em: 02 mar. 2022.

SANTOS, R. S. Radovan Richta e a revolução científico-técnica: 50 anos de um clássico esquecido e necessário. Espaço e Economia. **Revista brasileira de geografia econômica**, n. 13. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/3722>. Acesso em: 02 out 2021.

SERENI, E. La categoria de Formación Económico-social. **Cuadernos de Passado y Presente**. Cordoba, Argentina: Siglo XXI, 1976.

SILVA, Armando C. da. As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia. A. (Orgs.). **Espaço Interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVA, M. **A Gênese e dinâmica competitiva da indústria de equipamentos elétrico do Sul do Brasil**. Tese e doutoramento, USP, 2005.

SILVA, M.A. A categoria de formação sócio-espacial e a questão regional: uma aproximação com Gramsci. In: XII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. **Anais do XII Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/11.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOUZA, Maria A. A de. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal. PatryTer. **Revista latinoamericana e caribenha de geografia y humanidades**, v. 2, n.4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/capa>. Acesso em 02 mar. 2022.

TENDLER Silvio Anticolonialismo, principal legado de Milton Santos? In: **Brasil de fato 2019**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/anti-colonialismo-principal-legado-de-milton-santos/>. Acesso em 10 mar. 2022.

TREIN, F. a relação Marx-Hegel: um desafio insuperável. **Revista Dailectus**. N. 8. Dossiê Marx e a tradição Filosófica. Universidade federal do Ceará, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/dialectus/about>. Acesso em 05 mar.2022.